

O MURO QUE NOS DIVIDE

Kátia Surreal

VERÃO DE DEZEMBRO, minha irmã não quis pular elástico como sempre fazíamos, sem limites, durante as férias, no quintal de casa. Fiquei chateada, porque onde a gente morava, no bairro Porto do Rosa, em São Gonçalo, só havia crianças muito pequenas e chatas. Acabei criando uma dependência com relação à Rafaela, mas a verdade é que desde o início do ano ela estava de namorico com o rapaz da igreja. Sei que, no fundo, ela gostaria de continuar com a nossa diversão de antes, mas ela não poderia pagar este mico, afinal, ela já estava prestes a completar quinze anos, uma “mocinha”, e o seu namorado tinha dezessete e se sentia homem feito, obreiro da igreja, onde a nossa família frequentávamos.

No início das férias, tentei resolver a minha solidão com os games, mas não suportaria passar tanto tempo trancafiada no quarto, jogando sozinha, até porque sempre fui muito agitada, precisava de esportes e pessoas ao meu redor. Mas, num dia bem quente da semana, reparei que o pai havia deixado a mangueira do lado de fora. Apesar de ser muito cuidadoso com as coisas, teve de sair às pressas com a mamãe, uma vez que o Natal se aproximava, e eles tinham de fazer as compras. Eu estava morrendo de calor, não havia ninguém em casa, resolvi molhar o verde do quintal e, de quebra, tomar um banho também. Eu me lembro que, empolgada, liguei o rádio no último volume. Tocava “My Girl”,

dos The Temptations, e comecei a sacudir a mangueira, molhando tudo à minha volta, até o Toby, que saiu correndo de perto. Estava tão legal a farra, eu dançando, cantando, toda desenfreada de alegria.

De repente, senti na minha cara uma bolada macia de lama. Mano, não entendi nada. Em seguida, de novo e de novo. Só depois é que fui compreender que o porrolho vinha do quintal de um dos meus vizinhos. Pude ver uma cabeça loira se agachando por trás do muro. Peguei a mangueira e fui me vingar da brincadeirinha.

– Bu! Toma, pirralhinha!

E, pra minha surpresa, mais uma vez, tomei lama na cara. Não gostei muito da maneira como me chamou, “pirralhinha”, pois me fez me recordar da irmã, que passou a falar assim só pra se sentir mais adulta. O atirador de lama era um belo rapaz, porém com alma de criança. Seu nome era Tomás, tinha dezoito anos. Vi a implicância dele como uma forma de se aproximação. Jogou lama da terra de seu quintal em mim pra que eu lhe atirasse água da mangueira de volta. Como sempre tive bom humor, não me zanguiei nem um pouco. Pelo contrário, aquilo virou um verdadeiro corre-corre. Era uma quarta-feira ensolarada, e os dois disparatados soltos num retângulo arborizado. Corríamos sem parar um atrás do outro, pulando muros, ultrapassando os limites da normalidade. Nunca mais me esquecerei desse dia. Ele atrás de mim com a lama; eu com o jato d’água nele. Apenas queríamos nos acertar, sem saber onde daria...

Eu tinha muito fôlego aos doze anos, e não pretendia desistir de derrotá-lo no duelo. Mas quando já era quase cinco da tarde, súbito, a água da mangueira enfraqueceu. Ele começou a rir da situação e me atirou a última lama bem no meio da cara. Fui pra cima dele, na brincadeira, é claro, e ele me fez cócegas, até que caísse no chão.

– Moleca, tu pareces um trem desgovernado! –, disse, com um beijo inesperado bem nos meus lábios e, rápido, foi embora pra dentro de sua casa.

Fiquei alguns minutos ainda deitada no chão, sem reação. Como assim meu primeiro beijo nasceu de uma molecagem? Quer dizer, isso foi meu pensamento na época. O que ele fez foi um estalinho de lábios, talvez, sem nenhuma importância. Só que ninguém havia feito isso comigo até então. Na minha família, não tínhamos o hábito de darmos selinhos amigáveis um no outro, como vejo hoje em dia entre familiares e pessoas mais ou menos próximas. Pra mim, o beijo era algo profundo. Como se eu renascesse, sabe.

Meus pais chegaram quase sete da noite nesse dia. Nem perceberam o meu abalo, porque estavam muito agitados e envolvidos com os preparos natalinos, e não paravam de tagarelar com entusiasmo sobre as suas compras. Mas, no dia seguinte, perceberam que eu estava um tanto quieta. Não tive coragem de contar tal história pra mamãe nem pra Rafa. Antes, eu precisaria combinar com Tomás quando iríamos assumir o nosso namoro. Será que meus pais aceitariam de boa a nossa diferença de idade? Muitas preocupações vieram à cabeça. Começando pelo fato de que eu nem tinha um sutiã propriamente dito ainda pra um encontro marcado. Apenas um top esportivo, que poderia ser usado por mulheres de qualquer faixa etária, inclusive crianças.

Ah, mas nem seios eu tinha ainda! Nessa, me bateu uma insegurança enorme. Não fui ao quintal nesse dia, porque tinha de resolver primeiro os problemas de menina. Fucei as gavetas da Rafa. Com certeza, ela tinha um sutiã que caberia em mim. Prontinho! Encontrei um que me serviria. Bastaria um pouco de enchimento e mais um cadinho da maquiagem na cara, que já estaria apta pra apresentar o namorado à família. Súbito, fechei

os olhos e nos vi na ceia de Natal com toda a família reunida. Eu estava com o vestido champanhe de uma atriz hollywoodiana que tanto sonhava pra mim. Até hoje, pra ser sincera... Tomás me entregou, então, uma pequena caixinha de música, em que dois bailarinos dançavam com amor sobre o espelho. Éramos nós dois nos amando infinitamente na suavidade da canção natalina.

– Ei, acorda, garota! Eu hein! O que faz com meu sutiã na mão?!

Era Rafaela, me obrigando a “acordar” rápido de um devaneio que havia tido. Disfarcei um pouco, se é que tenha sido possível, e fui pro quintal. Tomás não estava, apesar de eu ter gritado seu nome várias vezes pelo muro da casa. Quiçá, estivesse ocupado em casa, com a sua família, ou estudando. Sei lá... Fiquei um tanto tristonha, mas segura de que tão logo eu o veria, afinal, eu também não havia dado as caras o dia inteiro pra ele.

No outro dia, acordei muito agitada. Fiz questão de ir à padaria e trazer o café da manhã da família. Meus pais estranharam um pouco a minha atitude, porque sempre fui preguiçosa com essas coisas. Pra minha sorte, durante o trajeto, quem eu encontro? Ele mesmo: meu amor, vindo em minha direção, com um sorriso largo no rosto! Apertou as minhas bochechas e me chamou de sapeca. Mal conseguia avaliar a situação por que passava. Eu só sabia que eu queria um beijo de novo. Eu o abracei com força e fui retribuída. Disse ao pé de sua orelha, eu me lembro bem disso como se fosse hoje, que eu desejava um beijo de verdade dele.

– Como assim, garota?!

Nessa, eu o agarrei e lhe tasquei um beijão daqueles de cinema. Pude ver, de relance, alguns rostos nos olhando boquiabertos. Tomás me correspondeu, porque, do contrário, não teria introduzido a sua língua na minha boca. Só que, em seguida, ele teve uma reação estranha: abaixou a cabeça e disse que iria

ao jornaleiro rapidinho, próximo à padaria onde estávamos. Na hora, pude sentir o tal efeito “borboletas no estômago” e o mundo parecia um girar de rostos desimportantes. Mas, pra minha surpresa, Tomás me deixou “na pista”. Não voltou mais nesse dia. O que será que havia feito de errado? Sem sacanagem, eu fiquei quase uma hora plantada no mesmo lugar, esperando que o bonito voltasse, mas nada.

Fiquei uma pilha de ansiedade o dia inteirinho e, à noite, me pus a chorar com a cabeça debaixo do travesseiro. Na manhã seguinte, vi através da minha janela Tomás saindo pelo portão de sua casa. Eu o chamei, acenando pra ele, que me viu, mas seguiu adiante, sem nem um tchau. Senti muita raiva. Não conseguia compreender o que estava acontecendo. Os dias foram passando, o Natal estava se aproximando cada vez mais, e eu comecei a me preocupar de o meu devaneio de outrora não se transformar em realidade como eu tanto desejava. Eu tinha de achar um modo de resolver a situação, porém eu não poderia ficar atrás dele, porque não era uma cachorra. De toda forma, não conseguia entender por que ele havia mudado de atitude comigo de supetão. Será que ele apenas quis me usar? Foi isso que comecei a pensar na época.

Na antevéspera do Natal, eu resolvi subir em cima do muro, que dividia as nossas casas. Fiquei andando de um lado pro outro. Falta do que fazer mesmo. Era um perigo ficar fazendo isso, pois poderia despencar feio dali. Percebi que, da altura em que eu estava, conseguiria ver o interior da casa de Tomás, porque a janela que dava pra sala de estar estava aberta. Havia pessoas estranhas ali. Talvez, parentes distantes. Comecei a observar tudo. Súbito, uma moça loira, de uns quinze ou dezesseis anos surgiu ali. Transitava pela casa dele, falava com um e outro. Ela era bem peituda e muito bonita. Comecei a sentir ciúme, pois provavelmente era a sua nova namorada e, por isso mesmo, ele tinha passado a me maltratar.

Senti muita raiva, principalmente, quando me certifiquei da minha suspeita. Ela era a sua garota e, sem notarem a minha presença, começaram a se beijar de língua. Senti as pernas bambas e, quando vi, tudo se apagou na minha frente.

Acordei, já era outro dia. Estava com o tornozelo enfaixado, pois havia torcido com a queda. Nada tão grave. Ao lado da cabeceira da cama, havia um pequeno embrulho. Um presente da Rafa: um lindo sutiã, de cor champanhe. Havia também um bilhetezinho, no qual dizia:

Mana, sua chata e cabeçuda! Eu te amo demais! Feliz Natal, amiga-irmã. Esta lembrancinha é só pra você se lembrar que os meus peitos sempre serão maiores do que os seus, afinal, eu sou sua irmã mais velha (risos). Fique boa logo e pare de aprontar, sua doidinha. Beijos, Rafa.

Fiquei muito feliz com o presente e a mensagem, que guardo até hoje, sobretudo, por saber que ela foi a primeira da família a entender que eu estava crescendo e, inclusive, bem antes de mim. Afinal, com certeza ela havia comprado o presente bem antes de ter sido pega no flagra com o seu sutiã na minha mão. Depois disso, virei pro lado, descansei mais um bocado e só me levantei quando o dia já estava quase acabando.

Fui até o quintal, e olhei fixamente pro muro, onde tudo havia começado. Deu uma vontade louca de sair gritando o quanto aquele moleque, maior de idade, era um baita de um covarde. Contudo, me contive. Sairia perdendo. A dúvida sobre a atitude estranha dele quanto ao nosso lance persiste até hoje, embora sem a angústia do passado. Será que ele já conhecia a tal moça antes de mim ou resolveu trazê-la pra sua família com medo do que as pessoas pensariam sobre a gente? Quem sabe a diferença de seis anos, o que é muito pra uma menina de doze anos e um rapaz de

dezoito, maior de idade, seja a resposta. Só sei que não subirei em muros nunca mais em minha vida. Eles sempre estão presentes. Às vezes, é muito óbvio enxergá-los; em certos momentos, são invisíveis.

KÁTIA SURREAL

é autora do livro de poesias *hot Gradações hiperbólicas* (Brunsmarck) e do blog Fugere ad Fictem. Membro vitalício da Academia Independente de Letras, militante da Corrente Marxista Internacional, professora de língua portuguesa e mamãe da gata Bibi. Nasceu numa sexta-feira 13 de julho de 1986, lua de sangue, dia mundial do rock.